

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## BAIRRISMO

É frequente ouvir-se apregoar o espirito bairrista de uma ou outra individualidade que à sua terra dedique um pouco do seu esforço.

Bairrismo é quasi um título honorifico com que muita gente se pavoneia, sem procurar corresponder ao seu alto significado.

Não basta aureolarmos o nosso nome com um feito aparatoso, com um gesto de grandesa para se dizer que fazemos bairrismo. Para sermos bairristas precisamos de um verdadeiro sacerdocio, no qual a nossa alma, o nosso espirito, a nossa mentalidade colaboram em uma íntima e estreita união, sem segundos interesses.

Para merecermos o nome de bairristas é necessário que nos desprendamos de preconceitos individuais, de aspirações a honorários e louvores, nos actos que praticarmos pelo bem colectivo.

Para sermos bairristas é necessário que o nosso esforço seja imolado no altar sacrossanto do torrão querido que defendemos, sem curarmos de saber se a chama que o vai devorar é ateadada por entidade amiga ou antipática.

O bem, o progresso, a defesa dos supremos interesses do bairro constitue necessariamente a base dessa religião que todos devemos ter, o bairrismo, e que devemos professar com toda a devoção, com todo o carinho, com toda a abnegação.

A não ser assim podemos ter direito a que nos chamem tudo, menos bairristas. A realização de aspirações mal cabidas, de ambições desmedidas, a satisfação de caprichosos empreendimentos, sem nos abstermos de personalidade egoísta, sem acertarmos e retribuirmos toda a colaboração lial e desinteressada, não é defender a nossa terra, não é fazer bairrismo.

### Para o da cara estanhada...

Do nosso colega local «O Conquistador», transcrevemos com a devida vénia:

«Aqui queremos tão somente dizer ao «Ecos de Guimarães» que nós não lhe reconhecemos o direito de criticar o lema que adoptamos e muito menos de, sobre essas palavras de que nos servimos para exprimi-lo, tenha autoridade de emitir uma opinião: se elle se ajustam ou não ao que aqui se escreve.

A autoridade do «Ecos de Guimarães»?

A gente fica-se a pensar no que é o colega?!

Semanário monárquico, já não é!

Defensor honrado do Governo da Ditadura?

Orgão concordante?

Talvez, que tudo isto; talvez, que nada disto. Antes pelo contrario».

Este número foi visado pela Comissão de censura.

### Ecos do 3 de Fevereiro

#### Julgamentos

No Tribunal Militar Especial, da cidade do Porto, responderam como implicados no movimento de 3 de Fevereiro de 1927, os nossos presos amigos e valerosos republicanos, srs. Capitães Malaquias de Souza Guedes e Manuel Henrique de Faria, 1.º Sargento Teotónio Cardoso e 2.º Sargento Joaquim de Magalhães.

A excepção do sr. Capitão Manuel Henrique de Faria que foi condenado a 1.º ano de prisão correccional, levando em tempo 310 dias, de prisão já sofrida, e igual tempo de multa a 1.500 por dia, todos os restantes foram absolvidos.

A «Velha Guarda» abraça-os efusivamente.

*A liberdade é incompatível com o amor. Um amante não é mais que um escravo. O liberal é escravo da liberdade.*

A. Carvalho.

### Crónica da semana

#### Explicação da demora

O encarregado desta secção, bem contra sua vontade, viu-se forçado a ausentar-se de Guimarães por uns dias, o que quebrou a regularidade destas crónicas desprezíveis. É natural que com isso folgasse o leitor, farto já dos nossos dizeres singelos; mas por muito mais certo temos que com isso folgaram muitos dos que sabem ser este um cantinho da gazeta onde persistente e inintermitentemente, semana a semana, sem receios e sem transigências, serão escarpelizados os vícios e os erros de todos os que, pelos seus actos públicos, pelas suas palavras, pelos seus gestos de ordem politica ou regional, ou pelos seus escritos, mereçam critica serena ou azorrague justiciero.

E dito isto, sem alarde de basófia, toca a pegar no chicote, toca a arrancar a máscara e a pele a certos desvergonhados que por aí medram.

#### Autópsia de um bandalho

Um papelucho cá da terra — o «Ecos», nome que se designa para salvaguardar camaradas que presamos — agarrou num punhado da lama em que há muito se revolve e atirou-no-la, com o arregaço de trinca-fortes da honra alheia e com a desvergonha dos caluniadores profissionais.

Não culpamos do caso o semi-analfabeto que a mencionada gazeta faz o sacrificio do seu nome para cobrir os dos que, emboçados, mascarados, só traioeiradamente sabem dirigir-se a quem, em lial combate, frente a frente, os deixaria perante todos, público e razo, tão baixo como, infecto e pôdre é a lama em que chafurdam.

Sabemos positivamente, sabe-o toda a gente de Guimarães, sabe-o é o inspirador da miserável campanha, quem é o homem que abre a torneira do vasadouro da calúnia e da mentira, quem é o *corajoso* cidadão que, a coberto de responsabilidades, porque outro por si as assume, esvurmeja o seu odio e se estorce em âncias de gafado moral contra as criaturas que por demais lhe conhecem a crónica. Não podendo usar arma mais nobre, maneja, qual punta experimental, a navalha de ponta e moleta, ocultando se na sombra, certo de que quem salta a terreiro, pronto a tomar a responsabilidade dos seus vomitos, é um pobre diabo que em sua vida jámais conseguiu alinhavar gramaticalmente três linhas.

Mas o vilão que um dia, chamado por correligionários se para dar o corpo ao manifesto, se desculpou, atarantado, aterrorizado, com uma constipação de momento, com uma constipação que não era mais do que o medo invencível, esse vilão pequenino, repugnante e antipático, descobre se bem por detrás de tudo o

que a sua imaginação de amoral, de desvergonhado, se lembra de architectar, no desejo canalha e insofrido de atingir quantos, conhecendo-o, têm por elle o desprezo que merecem os homens postos à margem da sociedade.

Diz-se monárquico e raros serão os monárquicos que o aceitem como tal, porque todos elles se lembram bem do dia em que, rastejante e submisso, perdida já toda a noção de dignidade, assinou uma proposta para sócio do Centro Republicano desta cidade.

Há de o leitor perdoar a violencia das palavras — e perdoá-la há, por certo, atendendo a que ellas são o castigo justo do homem que, não o respeito a dignidade das pessoas que neste jornal trabalham, impotente para um ataque lial, recoso de directamente e à luz do sol se desafronta dos adversarios politicos, usa do miserável sistema de, com referencias a factos mentirosos ou a factos que, mesmo verdadeiros, diriam respeito á vida particular das pessoas atingidas, querer enodoar a vida de quem soube sempre colocar-se, em todas as circumstancias, muito acima dos ataques odiosos de qualquer des-categorizado moral.

Do lado de lá arregaçaram as mangas e atiraram-nos com lama; daqui arregaçamos as mangas e atiramos-lhes estas chicotadas vibrantes.

#### Carta-aberta

A necessidade desta desafronta força-nos a deixar de parte alguns assuntos que muito gostosamente desejaríamos versar e que, deste modo, perdida a oportunidade, deixarão de merecer a nossa atenção. As semanas passadas tem sido férteis de materia palpitante a aproveitar. Um assunto há que não queremos deixar passar sem uma referencia, embora ligeira.

Há dias correu por aí, de mão em mão, uma *carta aberta*, transcrita depois num jornal de Braga, onde a vemos. Com ella concorda o crónista inteiramente, lamentando não ter sido quem a escreveu, pois teria agora que a si próprio se felicitar por ter produzido obra de gosto. Não sabemos quem é o seu autor, mas isso não nos impede de o cumprimentarmos calorosamente, dizendo-lhe ao mesmo tempo aquilo que toda a gente já sabe:

Há individuos dotados duma tal insensibilidade que de nada vale o lembrar-se-lhes o caminho a seguir; mantem-se sempre, olímpicos e serenos, orgulhosos de si, sem ligar importância aos clamores do público ou ás palavras dos criticos. Norteja os um só designio — mandar; vivem exclusivamente para a satisfação desse designio, sem cuidar do quanto prejudicam interesses que não são deles, mas de todos nós. Não há *cartas abertas* que os comovam, nem que os demovam. Do cimo do seu pedestal hão-de manter sempre, arrogantes e altaneiros, a atitude imperiosa de tiranetes de traze per casa. Até que um dia — prouvera a Deus que isto fôsse verdade! — o pe-

### INQUERITO NAS TAIPAS

O II.º Governador Civil de Braga, fazendo justiça a um grupo de bombeiros das Taipas que sempre tem trabalhado com honestidade e zelo pela sua corporação, cujo prestigio e harmonia defendem com carinho, ordenou que pela Administração do Concelho de Guimarães se procedesse a um inquerito á Associação dos Bombeiros Voluntarios das Taipas.

É digno do nosso apreço a attitude do II.º Governador, pois torna-se necessário evitar abusos e tropelias e ilegalidades que meia dúzia de socios invidiosos veem cometendo, no intuito unico de dominarem a tudo e a todos.

Não queremos de modo algum adiantarmos ao que no inquerito e se vai apurar e donde ha-de ficar a saber-se como se administra sem respeito pelos estatutos aprovados superiores e se constituem assembleias gerais tumultuosas, para as quais se admitem «ad hoc» socios sem categoria moral, nem recursos para pagamento de quotas, eliminando outros que pela sua dignidade, pelo seu character muito poderiam concorrer para o prestigio e progresso da Corporação.

É preciso que a ordem do II.º Governador Civil seja cumprida sem demora. O II.º Administrador do nosso concelho ha-de evitar o favoritismo e mandar fazer o inquerito, para prestigio da autoridade.

#### Porfirio Mendes Ribeiro Guimarães

Em Viche, para tratamento da sua saúde, encontra-se este nosso preso amigo e prestantissimo correligionario, antigo vereador da Camara Municipal e considerado industrial em Pevidem.

destal se esborde, o scetro lhascaia das mãos e eles, enfiados mas impenitentes, se recolham á insignificancia da sua vida privada, donde nunca deveriam ter saído para nosso bem e deles...

#### Comemoração da Batalha de S. Mamede

Acêrca deste assunto limitar-nos-hemos a dizer em breves palavras, porque o espaço é escasso, o que há de positivo e o que há de provável no que respeita a auxilio oficial.

De positivo há, das bandas dos altos poderes, um canhão, e de provável há, dos poderes de cá, dos baixos poderes, um sino rachado.

Viva a fartura!...

S. DE PAIVA.

*Defendei a vossa terra, que a esperança da liberdade está na vossa lança.*

Camões.

**Diz-se...**

Que a lei das acumulações é muito fácil de sofismar pelo método de um ilustre funcionário que desdobra quantias em nome de empregados a quem não paga um centavo.

Que certo regedor em grande evidencia situacionista pelos vários cargos que desempenha e pelos quais se arroga já o direito a logar-tenente do chefe político local e respectivo secretario, descobriu um modo prático de concessão de licença de uso e porte de armas a indivíduos que por lei não a podem adquirir e que é nomeá-los *cabos de regedoria*.

Que o inquérito à Associação dos Bombeiros Voluntários das Taipas foi o diabo que apareceu aos grandes beneméritos adventícios da mesma e que se desenvolve grande actividade para por qualquer pretexto, se evitar que ele tenha o devido andamento.

Que o autor das "Crónicas do Minho," no "Janeiro," já foi condenado à força na reunião do Grande Conselho monárquico-situacionista de Guimarães e se destacou uma brigada de policia secreta para o descobrir.

Que a sindicância aos serviços do Posto Médico tem dado muito trabalho para se transformar em uma memória de congratulação pelos benefícios prestados a Guimarães com o encerramento daquele organismo.

Que não foi possível obter do ilustre sindicante a graça de conceder aos inculcados o libelo acusatório para o respectivo exame.

Que a escuridão da cidade durante a noite começa a fazer bem em certos indivíduos a quem a vaidade fechara os olhos para ver claro ao sol do meio-dia.

Que tendo alguém lembrado a um acólito da D. Economia a bonita figura que estava a fazer após o aparecimento da "Carta Aberta ao Presidente da Câmara," e que, o melhor caminho a seguir, seria o da demissão, este respondeu numa frase de plêtorica eloquência: "Não saio da Câmara nem por uma revolução.."

Que foram 20 Juntas de freguesia as que vieram apresentar à D. Economia a sua demissão e que a suprema autoridade do concelho se viu em sérios embaraços para dar uma resposta que não traduzisse "coacção.."

Que em Vizela houve amotinação do povo e toques de sinos a rebate para que fossem deitadas abaixo as *casas económicas* — iguais àquela existente ali em S. Domingos — que o vereador sr. Alves teimava construir junto à igreja daquelas termas.

Que o ex-vereador das obras, sr. Barreira, pensa em voltar a assumir o seu antigo cargo e que, desta feita, o Isolino sempre resolve socorrer o pedreiro Sousa,

para a conclusão da tal *avenida do Barco*.

Que a D. Economia está de malas prontas e pé no estribo para deixar o cargo ao seu monarquíssimo mentor.

Que um reverendo — pastor duma freguesia concelhia — tenta, por todos os meios, assenhorear-se do *passal* que uma junta comprou para beneficiar a pobreza.

Que a "Société," de Lordelo, achando-se outra vez com falta de dinheiro, começou nova pedinchiche pelos proprietários mas que estes já têm os olhos mais abertos e não caem na rede que esses pescadores de... *dinheiro* lhe quizeram armar.

Que a D. Economia não faz justiça a quem de direito, porque se sente coacta pelo seu chefe, que quer que todos lhe obedeam.

Que os edis da *higiene* e da *luz*, só por um decreto especial abandonarão os seus assentos no palacio municipal.

Que vai ser adquirido municipalmente um terreno para receber o desaterro de certo edificio particular.

Que nas Taipas, ha influentes locais que armam de pistola os seus apaniguados, com ordem de fazer fogo sobre os que não compartilham do seu ideal politico.

**Batalha de S. Mamede**

**Informações à Imprensa**

(Da Comissão de Propaganda)

Sob a presidencia do sr. Dr. David d'Oliveira, digno Reitor do Liceu de Martiõs Sarmiento e Presidente da Comissão Central do 8.º Centenário da Batalha de S. Mamede, secretariado pelos srs. Eugenio Vaz Vieira e A. L. de Carvalho, reuniram conjuntamente as varias Comissões, no dia 2 do corrente, no salão da Associação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Expostos pelo sr. A. L. de Carvalho os fins da reunião verificou-se a impossibilidade de se celebrar a comemoração centenaria nos dias 23 e 24 do corrente pelas seguintes razões:

1.ª — O *Bronze* para a lapide, desenho do distinto Mestre Vimaranes sr. Abel Cardoso levará mais tempo a modelar do que aquele que previamente se esperava e assim apenas em fins de Junho, principios de Julho poderá estar concluido;

2.ª — O mesmo acontece com o *Numero Comemorativo* que sairá, como tem sido dito das oficinas do primoroso gravador portuense sr. Marques Abreu, e que constituirá como que uma *Monografia Afonso-Henriquina* tambem não estará pronto a ser distribuido e posto á venda em 24 do corrente, por absoluta impossibilidade grafica;

3.ª — Estando desde sempre indicado que por ocasião da Comemoração Centenaria se realizasse a aposição das insignias da Torre e Espada, com que justamente foi distinguida a Benemerita Corporação Humanitaria dos Bombei-

ros Voluntarios de Guimarães, e devendo ser essa aposição feita ou pelo Venerando Chefe de Estado ou pelo Ex.º Ministro da Guerra, como seu representante enviado especial para o acto, e dada a circunstançia de S. Ex.º o Ministro da Guerra não poder deslocar-se de Lisboa no dia 24 de Junho, se reconheceu a necessidade do adiamento, no que todos os presentes acordaram.

Proposto o dia 8 de Julho e depois de varias explicações a assembleia votou e resolveu marcar esse dia para a Comemoração do 8.º Centenario da Batalha de S. Mamede.

— De seguida as Comissões de zona da subscrição publica deram conta dos trabalhos realizados até agora ficando resolvido que na segunda-feira, 4 do corrente, se procedesse á conclusão desses trabalhos nas zonas em que isso fosse possivel e dentro da presente semana os trabalhos de todas as outras zonas.

— O sr. Inspector do Circulo Escolar de Guimarães, informou que dos Professores do concelho havia recebido já a importancia de 3 000 000 esperando ainda a indicação de alguns srs. Professores.

— O sr. Antonio Vieira de Andrade, presidente da Delegação da Sociedade Historica da Independencia de Portugal declarou que esta Sociedade contribuia com a importancia de 1.000 000, como em reunião da sua Direcção fora ha dias resolvido.

— Foi ainda resolvido que a Academia Vimaranesse dirigisse esta semana convites ás Academias do país afim de se fazerem representar na festa do centenario enviando pelo menos um representante de cada uma com a sua bandeira.

— Trocaram-se impressões sobre os *Carros para o Cortejo Civico*, informando o sr. Eugenio Vaz Vieira que a Associação dos Lavradores e Agricultores de Guimarães apresentará um carro seu.

Sob este ponto informa a Comissão de Propaganda que com o seu Presidente se avistaram ontem dois representantes da mesma Associação tendo-se resolvido pedir ao ilustrado Professor sr. José de Pina o favor de dar o desenho para esse carro.

O sr. A. L. de Carvalho propôs um agradecimento ao Presidente da Delegação da Sociedade Historica da Independencia de Portugal, sr. Antonio Vieira de Andrade, e comunicou o concurso do Gremio do Minho, do qual havia recebido 100 000 para a subscrição, resolvendo-se agradecer á importante colectividade, com sede em Lisboa, e que activamente tem prestado á comemoração do Centenario toda a sua coadjuvação.

— Foi ainda lembrado para o *Cortejo Civico* um *Carro Militar*, ideia com que os srs. officiais presentes concordaram e de cuja realisação muito brilho advirá a este numero do programa. A mesma lembrança foi apresentada á Associação dos Empregados do Comercio de Guimarães sendo bem acolhida pelo seu representante á reunião.

Sobre este motivo, o sr. A. L. de Carvalho informou que tomará parte nesse cortejo, após umas reparações que vão ser feitas o carro com que a Camara Municipal de Guimarães, tencionava concorrer a um cortejo em Lisboa.

— Foi pedido ao sr. Inspector Primario lembrasse aos srs. Professores do concelho o ensaio ás crianças das suas Escolas, de dois hinos para por elas serem cantados na festa, da comemoração e indicando como proprios o «Hino

**Excursão**

Os alunos da Escola Industrial e Commercial de Braga realizaram no passado dia 3 do corrente a anunciada excursão de estudo a esta cidade, acompanhados de seis professores da mesma Escola.

Recebidos na Escola de «Francisco de Holanda» pelo seu director Sr. Abel Cardoso, pelos professores Srs. Mario Menezes e Dr. Filinto Costa, e ainda pelo mestre Sr. Ilidio Dias e numerosos alunos, percorreram todas as dependencias daquele estabelecimento de ensino, ficando optimamente impressionados, especialmente com a disposição dos maquinismos para fição e tecelagem que já se encontram limpos, em via de montagem, e com o gabinete de fisica, pela quantidade de aparelhos magnificos de que dispõe.

Finda a visita o Sr. Abel Cardoso apresentou aos simpaticos hospedes os seus agradecimentos, em termos encomiásticos, respondendo igualmente, em identicos termos, o sr. professor de Geografia da Escola de Braga.

Seguiram-se no uso da palavra o presidente da Associação dos Alunos da Escola de «Francisco de Holanda» e o presidente da Associação Escolar da Escola de «Bartolomeu dos Martires» oferecendo-se mutuamente, como grata recordação daquele dia, laços para as bandeiras das duas Escolas congéneres.

Dali dirigiram-se, em fraterna camaradagem, a «Soc. Martins Sarmiento» onde eram aguardados pelo seu ilustre director Sr. José Pina que gentilmente os acompanhou aos Museus e ao tesouro da Colegiada. Por imprevisto motivo não tiveram tempo de visitar as tres fabricas apontadas no seu programa (Companhia, Arquinho e Campelos) retirando, todavia, para Braga, plenamente satisfeitos.

Permita-se-nos um pequeno reparo:

Não nos pareceu muito a caracter, por se tratar duma visita escolar, demais a mais, previamente anunciada como excursão de estudo, aquela entrada dos excursionistas, R. Paio Galvão em fora, acompanhados duma tuna de «*sangue na guelra*» com o estandarte galhofeiro em riste, seguido das bandeiras das duas Escolas.

Tal estandarte deveria em nosso entender, depois de ter desempenhado o seu papel, vá lá... pela estrada, no trajecto de Braga a Guimarães, abater-se á entrada da barreira para reaparecer na Penha, á frente dos instrumentos atroadores da extranha tuna.

No alto da montanha, pelo menos, não teriam os divertidos rapazes a sensaboria de ser postos fora de nenhum corêto.

Mas... é possível que estejamos em êrro. Modernamente há tanta maneira de vêr...

Nacional» e «Portugal é lindo» com que o sr. Inspector concordou.

E depois de outros assuntos de caracter reservado foi pelo sr. Presidente encerrada a reunião.

O Presidente da Comissão de Propaganda declara que dada a extensão desta nota de informações á Imprensa, não poderá mandar tirar a imediata copia para ser distribuida a todos os jornais de Guimarães e correspondentes dos jornais de Lisboa, Porto e Braga, o que fará conforme essas copias lhe forem chegando.

Guimarães, 3 de Junho de 1928.

Eugenio Vaz Vieira.

**A' volta dum acontecimento**

**O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede**

(Continuado do n.º 180).

O chefe leonês quiz um dia galardoar os serviços dos nobres mancebos que tão heroicamente se houveram nas repetidas lides. Deu pois a Raimundo em casamento sua filha legitima D. Urraca com o governo da Galisa; e a Henrique D. Tereza com a tenência de Portucale. Sofreu este em silêncio o prémio desigual. Daqui a sonhar uma independencia não é longa caminhada. E D. Henrique sonhou-a concedendo-a ardentemente. Se nos reportarmos á época verêmos neste principe uma insinuante figura de político. Prova-o aquele esmêro incessante com que destramente preparava o campo ás suas aspirações, o provável tratado secreto com Raimundo, tratado que por variados motivos convinha ao filho do Conde de Borgonha.

Mas Raimundo morria extemporariamente, malogrando-se então aquele sonho heroico. D. Henrique não esmoreceu; persistiu e foi aplanando o campo. Alimentava, não obstante, uma esperança vã no mais impenetravel recondito da sua alma. Cria na rude generosidade do velho sogro aquêle insofrito lobo humano que escorou impávido os balsões da cristandade pelas charnecas e fortalezas da mourisma. Grave desgosto devia amargar a velhice d'este inolvidavel caudilho leonês.

D. Henrique aproveitou o ensejo para aventurar mais um dos seus nonais manejos. Visitou o moribundo no seu leito de morte. Foi uma secreta conferencia. Nada transpirou cá fora; mas devia ser grave e ponderável o que nela se tratou; porque o astucioso conde de «Portucale» saiu com manifesta cólera dessa entrevista. Fôra infructifero aquele seu tão meditado passo. Afonso VI morria «in continenti» deixando herdeira a D. Urraca. Afonso Raimundo, o órfão de Raimundo, ficara entregue aos cuidados de seu aio, Pedro Froilaz de Trava, honrado cavalleiro que, singrando através dos mais descaraveis reveses, patrocinara lhanamente os direitos por vezes violados do seu jóvem pupilo. Principiava então nova fase na acção politica de D. Henrique. Nada tinha a esperar da generosidade alheia; urgia que batalhasse com armas bem diferentes. Assim procedeu o neto de Roberto de Borgonha; arrancando a máscara, espatifando a no pó que lhe caia das sandalias, esboçou com nitidez a arrogancia da sua vontade.

Visitou a França; alistou porventura alguns soldados. Pelo menos legou a uma colónia franca um bairro de Guimarães, capital do seu talvez incerto dominio de Portugal. No regresso demorou-se um tanto na côrte de Aragão.

Reinava ali Afonso I, caracter violento e braço decisivo. A ambição e a sede de ouro, e mais do que isso o delêite do suprêmo mando, aproximavam principes que por vocação deviam separar-se. Assim, a viuva de Raimundo contraiu segundo matrimonio com este ilustre cabo de guerra. A volubidade da nubente depressa achou motivo na rigidez áspera do marido para fomentar a discórdia conjugal. E prolongou-se a malquerença até o completo rompimento pelas armas.

D. Henrique tomou as armas pelo fogoso caudilho aragonês á sombra dum tratado pró-independencia e ampliação do condado portucaleense. Definira pois sem fórmulas nem subtilzas o alvo das suas ambições.

(Continúa).